

**CIRCULANDO PELAS MARGINÁLIAS: PRESENÇA DA LITERATURA RUSSA NA
BIBLIOTECA DO ACERVO JOÃO ANTÔNIO**

Clara Ávila ORNELLAS*

Resumo: Este texto aborda a presença da literatura russa na biblioteca pessoal do escritor João Antônio. As marginais localizadas nas obras dos autores russos permitem verificar aspectos da leitura desta vertente artística realizada pelo escritor brasileiro entre as quais se destacam observações manuscritas de orientação formal, listas de palavras e sublinhas. Outro aspecto importante dos livros de escritores russos que compõem a biblioteca do Acervo João Antônio circunscreve-se à condição de depositária de edições raras que representam uma parte da memória editorial brasileira. Em acréscimo, apresentam-se considerações sobre algumas das marginais presentes em contos de Tchekhov e Máximo Górkí.

Palavras-chave: João Antônio; Literatura russa; Biblioteca pessoal.

**BY MOVING MARGINALIAS: PRESENCE OF RUSSIAN LITERATURE IN THE
LIBRARY OF JOÃO ANTÔNIO COLLECTION**

Abstract: This text approaches the presence of Russian literature in the personal library of the writer João Antônio. The marginalias located in works of the Russian authors allows to verify aspects of the reading of this artistic segment realized by the Brazilian writer among which if they detach written by hand comments of formal orientation, it list of words and underlines. Another important aspect of books of Russian writers who compose the library of the Acervo João Antônio confines it the condition of rare edition depositary that they represent a part of the Brazilian publishing memory. In addition, commentaries are presented on some of the marginalias founds in stories of Tchekhov and Máximo Górkí.

Key words: João Antônio; Russian literature; Personal library.

*Clara Ávila Ornellas Fez Pós-doutoramento em Literatura, UNESP-Assis/FAPESP, 2008.Assis/SP – Brasil – E-mail: ornellasclara@gmail.com

João Antônio (1937-1996) foi um escritor que buscou representar em sua obra literária a zona de exclusão social brasileira. Ainda que em algumas produções se verifique a presença de seres pertencentes à classe média, na galeria de seus personagens figuram, com maior frequência, menores abandonados, jogadores de sinuca, prostitutas, mendigos, malandros, leões de chácara entre outros segmentos da margem social. O posicionamento do escritor ante o seu repertório temático caracteriza-se pela ausência de julgamento moral ou ético sobre as ações de seus personagens e por um enfoque humanístico que revela traços líricos e poéticos na esfera da marginalidade. Essa postura se faz presente desde sua primeira obra, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), até a última, *Dama do Encantado* (1996). Evidenciam-se na trajetória literária de João Antônio transformações estilísticas e formais, contudo, existe uma clara hegemonia do enfoque à exclusão social em sua literatura. Observa-se que o autor priorizou em sua abordagem temática a aproximação do narrador à realidade vivida pela marginalidade principalmente no que concerne à linguagem, aos costumes, ao pensamento e ao foco narrativo em primeira pessoa, almejando permitir aos personagens manifestarem-se por si próprios acerca de suas vidas.

Uma das maneiras para se entender o que moveu um escritor como João Antônio para tratar obsessivamente uma unidade temática em sua criação artística é conhecer sua biblioteca. Logo, os autores que se destacaram em seus exercícios de leitura. No Acervo João Antônio, depositado na Unesp-Assis, há 5000 títulos e destes apenas uma parte já foi levantada, totalizando 1463 volumes disponíveis para consulta através do CD-ROM “Biblioteca Pessoal do Escritor João Antônio” (ORNELLAS, Usp/Fapesp/Unesp-Assis, 2002)¹. Este montante constitui-se tanto de obras com marcas de leitura – marginálias, autógrafos, manuscritos de João Antônio, recortes de jornais – quanto de livros sem qualquer tipo de registro, além de algumas edições raras.

Em uma abordagem geral, observa-se a presença de um grande número de obras de escritores brasileiros como Graciliano Ramos, Machado de Assis, Lima Barreto, Jorge Amado, Antônio de Alcântara Machado, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Marques Rebelo, Dalton Trevisan e outros. Encontram-se também estudos de crítica literária e de cultura de autores como Antonio Candido, Francisco de Assis Barbosa, Roberto Damatta, Paulo Rónai, Julien Graco, Walter Benjamin, Fábio Lucas,

Georg Lukács, Wilson Martins, José Paulo Paes além de obras sobre história, política e economia. Ainda que existam títulos sobre diversas áreas de conhecimento, a predominância é de livros de literatura. Se há um grande número de obras de autores brasileiros, também é representativa a presença da literatura estrangeira. Ilustram esses casos os nomes de Vasco Pratolini, Jack London, Jorge Luís Borges, Hermann Hesse, Honoré de Balzac, Charles Baudelaire, Oscar Wilde, Samuel Beckett, Giovanni Boccaccio, Albert Camus, Miguel de Cervantes, Júlio Cortazar, Charles Dickens, William Faulkner, Nikos Kazantzakis, Giovanni Verga, Giuseppe Lampedusa, Norman Mailer, Curzio Malaparte, Henry Miller, Gabriel García Márquez, Mark Twain, John Steinbeck e Alfred de Musset.

Ainda em relação às obras estrangeiras presentes nesta biblioteca, ressalta-se a importância de autores russos. Há produções de cunho político, cultural e sociológico sobre a Rússia, entretanto, a predominância é de livros de literatura. Torna-se nítido o maior volume de obras estrangeiras segmentada nesta vertente literária. Há 68 títulos de autores russos, sendo que destes, seis tratam de temas diversos como sociologia, política e economia, dois são de cunho memorialístico (EHRENBURG, Ilya. *Memórias: os primeiros anos da revolução*, 1965 e, do mesmo autor, *Memórias: a Europa sob o nazismo*, 1966), um trata de estética (PLEKANOV, George. *Cartas sem endereço: cinco ensaios sociológicos sobre arte*, 1965), dois são biografias (TROYAT, Henri. *Dostoievsky*, 1940 e, do mesmo autor, *Dostoievski, s/d.*) e 57 são de cunho literário abrangendo contos, romances, novelas e teatro.

Dentre as 57 obras de escritores russos, 37 contém marcas de leitura – manuscritos, autógrafos, listas de palavras, textos de jornais ou marginálias apenas – e 20 não possuem nenhum tipo de registro efetuado pelo leitor. No universo dos livros que possuem marginálias, os autores mais representados quantitativamente são Dostoiévski, com 16 títulos, Tchekhov² e Górkki com oito, respectivamente.

Uma das vertentes de análise possível para se entender o interesse do autor paulistano pela literatura russa pode ser localizada na sua perspectiva de desenvolver um viés literário atento para o homem e a realidade que o circunda. Considerando que os autores russos presentes em sua biblioteca representaram em suas obras, na maioria dos casos, a contradição entre a classe dominante e a dominada, ressaltando principalmente a crueldade de ações que chega a atingir a desumanidade total, nota-se nesses pressupostos índices possíveis para se compreender a relação de João Antônio com essa produção artística. Haja vista que a sua criação estética, à semelhança dos autores russos, também teve como objetivo a denúncia, contestação

e demonstração das condições adversas enfrentadas pelo povo desfavorecido econômica e socialmente. Entretanto, conforme aludido, seu interesse transcendeu o ato de leitura ao gerar a necessidade de marginálias como forma de concretizar momentos do seu diálogo estabelecido com esse segmento literário.

Telê Ancona Lopez, ao tratar da importância da marginalia para os estudos literários, afirma que o ato de leitura fomentado em observações concretas aponta para uma coexistência de discursos ao delegar ao leitor a condição de um segundo escritor. Nesse movimento, o escritor/leitor abole o passado, pois a obra e o autor passam a se configurar conforme o instante do ato da leitura: “O diálogo anula uma hierarquia tácita ao refutar o domínio do que parecia terminado, ao desdenhar os limites do espaço do outro e ao fazer com que o alheio se transmute em matéria adstrita a um novo dossiê de criação, isto é, em manuscrito; o outro se torna paradoxalmente determinante e subsidiário” (LOPEZ, 2007, p. 33-34)³.

Nesses termos, pode-se verificar na dinâmica de leitura de João Antônio um exercício de reflexão relacionado à construção de sua visão de mundo e ao movimento de reconhecimento de palavras e elaboração composicional, no mínimo, interessantes para ele pensar sobre seu próprio ato de criação estética, o que é comprovado por meio das anotações manuscritas e listas de palavras.

Crítica social e combate

Diante dos dados relativos à presença da literatura russa na biblioteca de João Antônio, torna-se importante elaborar considerações acerca do interesse do escritor por essa vertente literária, tendo em vista a possibilidade de se localizar elementos que compõem a sua concepção criativa. Em suas entrevistas, o autor paulistano se referiu frequentemente à literatura russa como expoente na sua formação de leitor e escritor. João Antônio aludiu aos autores russos como exemplares de uma arte literária voltada para a representação do homem como centro do objeto artístico, revelando se tratar de produções que o auxiliou a compreender seu universo estético. Isso pode ser constatado, por exemplo, na entrevista que ele cedeu a Edmílson Caminha Jr. (1984), onde afirmou:

A grande lição que eu aprendi com os russos – Gógol, Dostoievski, Puskin, Tchecov, Gorki – foi a sua profunda

preocupação com o homem: primeiro no sentido russo, estritamente russo; depois no sentido universal. Embora falando da Rússia, eles me propuseram que olhasse mais para o homem brasileiro. E é muito curioso, porque esse mesmo sentido de menos-valia, que hoje percebemos no Brasil com relação ao nosso homem, os russos sentiam com relação a si mesmos. Na obra de Dostoievski, por exemplo, nota-se que nos salões da nobreza, na sociedade czarista, era proibido falar em russo; as pessoas tinham que falar em francês. A balalaica, que é uma espécie de bandolim com o qual se toca a *karamatskaia*, uma dança popular, era proibida. Como aqui no Brasil eram proibidos o samba, o maxixe e o violão: davam cadeia. Agora eu pergunto aos leitores e escritores brasileiros: onde está a nossa literatura contando esse procedimento com relação ao samba, ao violão, ao maxixe? Isso é muito importante. Aí está, para mim, um evidente sinal da nossa colonização, que ainda não acabou, que continua se processando. (CAMINHA JR., 1984, s/p)⁴

A partir dessas colocações, verifica-se não apenas a importância dos autores russos para João Antônio refletir sobre seu próprio país como também o fato de que o contato com essa produção auxiliou na determinação de sua abordagem do homem brasileiro em suas criações artísticas. Esse humanismo apontado pelo escritor paulistano caracterizou a literatura russa do século XIX, originada sob a opressão do czarismo. Esse regime monárquico concedia privilégios à corte ou a quem com ela mantivesse boas relações e a opressão constante ao povo russo, seja sob a forma de torturas físicas, psicológicas ou a morte seja através da cobrança de altos impostos dos trabalhadores rurais.

Essa constância repressiva também se repetia no universo intelectual, tanto a divulgação de notícias pela imprensa quanto a produção literária eram submetidas à avaliação de representantes do czar sempre impiedosos com autores interessados em divulgar o lado obscuro – mas muito claro para quem vivia na Rússia – do regime czarista. Dessa maneira, uma das reações por parte dos intelectuais contra essa condição opressiva foi aliar-se ao simbolismo literário como forma de denunciar as condições adversas. A proibição de se divulgar idéias ou denúncias livres do julgo governamental também tornou o jornal uma fonte, mediada por imagens literárias, para a publicação de textos críticos, conforme atestam, por exemplo, as publicações de Dostoiévski elencadas sob o título *Diário do escritor* – totalmente feito pelo autor e editado em jornal durante os períodos de 1876-77 e 1880-81.

Esse compromisso de assumir um lugar ante as adversidades políticas e sociais configurou o fazer literário como uma espécie de caixa de ressonância social, buscando não apenas informar, mas exercer um papel crítico nessa realidade. Essa condição foi especialmente assimilada por escritores russos clássicos do século XIX – entre eles Gógol, Dostoiévski, Tolstói e Turgueniev – época de grandes transformações, crises sociais e intensos debates sobre os rumos que o país deveria tomar. Nesse sentido, e como explica Boris Schnaiderman, quando “o ritmo da história se torna frenético, não dá para pensar muito na diferença entre jornalismo e literatura, pois, de acordo com a tradição russa, esta acompanha com vibração os acontecimentos políticos de seu país” (SCHNAIDERMAN, 1997, p. 29)⁵.

Se, por um lado, o contexto histórico vivenciado por João Antônio no Brasil possui semelhanças às condições políticas da Rússia do século XIX – regime ditatorial e interdição dos direitos civis – por outro ângulo, verifica-se que o escritor paulistano desde o lançamento de sua primeira obra, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), defendia em suas entrevistas a necessidade de uma literatura voltada para a realidade do país. A mesma postura ele assumiria em meados dos anos 70, quando atentava para a necessidade de um jornalismo voltado para o outro lado dos fatos, diferentemente do relato objetivo comumente presente na imprensa da época.

Como jornalista atuante por mais de 30 anos em diversos e diferentes veículos, ele enfrentou o período de acirramento da ditadura posicionando-se contra esse sistema opressivo que obrigava os profissionais da imprensa a se submeterem aos critérios despóticos de censores. Sua postura contrária a esse regime o levou inclusive a criar a expressão “Imprensa Nanica”⁶ para enunciar a invectiva da imprensa alternativa que lutava por uma divulgação de notícias mais fiel à realidade dos fatos do estado de exceção em que se vivia. Assim como se verificou na literatura russa do século XIX, a inter-relação entre procedimentos literários e jornalísticos caracterizou a literatura brasileira do período ditatorial. O autor paulistano atentou, por exemplo, que a situação de opressão leva o homem a lutar pela liberdade de qualquer maneira e lembrou, entre outros aspectos, da reação de Dostoiévski sobre o período em que foi preso, conforme afirmou em entrevista a Elizabete Karam (s/d):

Se você pegar toda a época de Getúlio, que foi a época também de ditadura muito ruim, principalmente a partir de 37, quando o Estado Novo endureceu as coisas de forma absoluta, você vai encontrar todos os intelectuais e artistas principais do Brasil na cadeia. Em compensação, foi graças

a eles, na minha opinião, que apareceu o maior monumento político da literatura brasileira que chama 'Memórias do Cárcere', de Graciliano Ramos. Então isso prova que todos os regimes totalitários, acima de tudo, são burros, além de deprimente, de ser contra qualquer tipo de individualidade humana. Eles são também burros porque o artista quanto mais cadeia der para ele, pior é, porque sai com uma força muito maior. Você pode ver por exemplo que Dostoiévski, depois de quatro anos na Sibéria, ele saiu preparado para fazer uma grande obra⁷, porque exatamente nas cadeias, nas favelas, nos sanatórios, está aí a verdadeira radiografia, as verdadeiras contradições de um sistema de uma sociedade, exatamente aí. (KARAM, s/d.)⁸

Essa postura combativa de João Antônio se consolidou também em sua escrita, seja literária ou jornalística. Tanto em uma vertente quanto na outra ele sempre priorizou representar a realidade, demonstrando aspectos não vistos ou simplesmente ignorados pela grande imprensa ou por escritores alinhados a uma literatura sem compromisso social. A preocupação de representar, divulgar e contestar as arbitrariedades da elite dominante e as condições adversas enfrentadas por muitos brasileiros é um dos fatores que o levaram a utilizar mecanismos do universo jornalístico na sua criação literária. Seu objetivo ao realizar esse tipo de interação pode ser entendido quando explicou – em entrevista a José Trajano (1976) – o que significava, para ele, o conto-reportagem:

[...] conto-reportagem é quando entra uma carga mais pessoal de observação do autor, e uma carga mais impessoal de dados, de informações pessoais do repórter. Eu faço um casamento das duas coisas. Agora, o que eu procuro nesses contos-reportagens é afastar um pouco esses dados de importância menos e deixar a essência do troço. A essência humana da coisa. Quer dizer, afastar um pouco o acontecido e pegar mais o acontecimento. (TRAJANO, 16 a 22 set 1976, p. 25.)⁹

Além dessa aproximação entre as linguagens literária e jornalística, na criação literária de João Antônio ocorre também a inter-relação entre outras esferas artísticas como música, cinema e poesia, sempre no viés de trazer à cena o humanismo de seus personagens e de contestar as situações adversas vividas pela margem social. Ao aproximar denúncia, combate e lirismo poético, ele efetuou um movimento semelhante ao realizado pelos escritores russos presentes em sua biblioteca. Estes

que, através da literatura, mantiveram uma atuação constante contra os fundamentos de uma sociedade baseados na exploração de muitos em favor do conforto de poucos e do conseqüente apagamento da condição humana dos dominados.

Memória editorial

O Sputnik foi o primeiro satélite artificial da Terra lançado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 4 de outubro de 1957. Sua função básica era transmitir um sinal de rádio que podia ser sintonizado por qualquer radioamador nas frequências entre 20,005 e 40,002 MHz, emitidos continuamente durante 22 dias até que as baterias do transmissor se esgotaram em 26 de outubro de 1957.

O satélite orbitou a Terra por seis meses antes de cair. Já em 12 de abril de 1961, Yuri Gagarin tornou-se o primeiro homem a ir ao espaço a bordo da Vostok 1, dando uma volta completa em órbita ao redor do planeta, quando proferiu a famosa frase “A Terra é azul”. O que se tornaram os dois marcos da corrida espacial entre as superpotências EUA e URSS, também foram responsáveis pelo terceiro grande momento de interesse por tudo o que dizia respeito à Rússia no Brasil e no resto do Ocidente, especialmente sobre a sua tradição literária.

Boris Schnaiderman, um dos principais promotores do diálogo entre as culturas russas e brasileiras, lembra bem esta nova fase de interesse ao provocar uma nova explosão editorial de literatura russa no Brasil. “Sim, com o Sputnik. De repente, aquele país que, segundo a imprensa, estava mal, passa na frente dos americanos na corrida espacial. Isso foi uma perplexidade geral no Ocidente” (MEDEIROS, 2007, p. 99¹⁰).

Ainda em 1957 ocorreu outro fato notável que despertou todo o Ocidente para a cultura russa, a edição italiana de *Il Dottor Zivago* de autoria de um dos mais importantes autores sobreviventes das vanguardas russas do começo do século, Boris Pasternak. Proibido de editar este romance na URSS, Pasternak conseguiu entregar os originais a Giangiacomo Feltrinelli que o contrabandeia e edita, causando um acirrado debate internacional. A obra foi muito julgada pela sua característica extraliterária, ao ser vista por muitos críticos como a ação de um dissidente ou um retrocesso artístico, um romance nos moldes oitocentistas de um dos remanescentes das vanguardas. Esta produção provocou debates e despertou mais atenção ao mundo cultural russo da época ao conquistar o Prêmio Nobel de 1958 e a polêmica

manteve-se, pelo fato do autor ter sido autorizado a receber o prêmio na Noruega, mas com a condição de não voltar. Pasternak decidiu não receber o prêmio, alegando que não poderia viver exilado da língua russa em seu cotidiano.

Estes dois fatos capitais provocaram uma demanda muito forte pela literatura russa em todo o mundo e não foi diferente no Brasil. Ou editoras mantiveram planos de publicação ou simplesmente iniciaram projetos para atender a este movimento. As conseqüências foram muito amplas, chegando a ser uma das condições mais sólidas e objetivas para a criação do Curso de Russo na USP em 1960, fundado pelo russo radicado no Brasil e já conhecido por traduções e colaborações constantes na imprensa, Boris Schnaiderman. O propósito expresso da fundação deste curso foi o de formar tradutores para manter a sólida interlocução entre estes dois mundos.

Em 1957, João Antonio completava 20 anos de idade e trabalhava em sua primeira coletânea de contos. Além disso, era um leitor assíduo de literatura e essa época de grande exposição da cultura russa no Brasil ficou bem caracterizada nos exemplares significativos que compõem a sua biblioteca. Este autor não produziu apenas ante o que ele mesmo chamou de “corpo-a-corpo com a vida”. Porém, deve a sua produção também a uma sólida formação como leitor, o que a sua biblioteca comprova pela riqueza de títulos e autores, especialmente os mais destacados criadores da literatura russa dos séculos XIX e XX que estavam disponibilizados pelo mercado editorial brasileiro. João Antonio seguiu a tradição literária de que um autor é, antes de tudo, um leitor de fôlego para apreender não apenas o quê seus antecessores trabalharam, mas como o fizeram enquanto carpintaria estética.

Em primeiro lugar, chama a atenção em sua biblioteca as “Obras completas e ilustradas de F. M. Dostoiévski”, impressas pela Editora José Olympio. Os primeiros títulos começaram a ser editados esparsa e desarticuladamente a partir dos anos 40 por esta que foi uma das maiores casas publicadoras do Brasil entre 1933 e final da década de 70. A partir do começo da década de 50, a José Olympio começou a publicação destas obras coordenadas em coleção com requintes editoriais europeus só agregados ao mercado editorial há cerca de 10 anos. Cada volume é precedido de um estudo introdutório de um crítico ou especialista brasileiro no autor e na literatura russa como um todo. Entre eles, estavam Otto Maria Carpeaux, Wilson Martins e Agripino Grieco. Além disso, foram escalados ilustradores entre os melhores artistas plásticos para ilustrar cada volume a exemplo de Santa Rosa, Osvaldo Goeldi, Lívio Abramo, Maecelo Grassman e Luís Jardim.

No começo dos anos 40 também se vivia outra fase de grande interesse em torno da Rússia, devido à sua participação na 2ª Guerra Mundial ao compor as forças aliadas com EUA, Inglaterra e França contra os países do chamado Eixo – Alemanha e Japão. Como não havia mão de obra especializada em tradução direta do russo no Brasil, as versões foram feitas ou por escritores conhecidos ou críticos, entre eles Rachel de Queiroz, Rosário Fusco, José Geraldo Vieira e Ledo Ivo. Mas o grau de importância para a José Olympio diante deste desafio não ficou apenas nestas ações. Em uma das reedições, do início dos anos 60, a editora providenciou traduções diretas do original a Boris Schnaiderman, descartando as anteriormente publicadas. Um tipo de investimento de recursos completamente inédito no mercado editorial brasileiro. Além disso, como a grande maioria das traduções era indireta, a editora contratou a revisão de dois conhecedores das obras no original: Marina Stepanenko e João Guimarães Rosa.

Todos os 10 volumes desta panorâmica – apesar de não ser toda a produção do escritor russo – está presente no Acervo de João Antonio na forma de suas reedições do início da década de 60. Inclusive, com algumas de suas primeiras traduções diretas do original realizadas por Boris Schnaiderman do romance *O jogador* e das novelas *O eterno marido*, *Memórias do subsolo*, *O crocodilo* e *Nietóchka Nievânova*. Este aspecto da tradução direta é muito importante em termos editoriais, pois é justamente nesta fase de grande interesse pela literatura russa no Brasil é que entram em cena os dois primeiros importantes tradutores, Boris Schnaiderman e Tatiana Belinky. Uma consequência direta desta ambiência está na tradução de contos de Tchekhov em 1959 nas versões de Belinky com seu *Histórias Imortais* (Cultrix) e de Schnaiderman (Civilização Brasileira), sendo que este último não se encontra entre os livros de João Antonio.

A presença das traduções de Boris Schnaiderman neste Acervo ainda é percebida na coletânea *Antologia de Contos de Maksim Górkki*, publicada pela editora Civilização Brasileira em 1961. Ainda pela mesma editora e por iniciativa de Schnaiderman, foram publicadas em seis volumes as memórias de um dos mais destacados escritores russos do Século XX, Ilya Ehrenburg, dos quais só restaram no Acervo dois volumes.

Outra iniciativa editorial de destaque desta época para a história da editoração no Brasil foi a publicação da *Antologia do conto russo*, em nove volumes, pela carioca Editora Lux. Contando com a participação de Schnaiderman e Tatiana Belinky, também teve em seu quadro de tradutores outros imigrantes russos e, especialmente,

ex-militantes do Partido Comunista, como Dalton Boechat. A coleção envolveu a tradução direta dos originais desde Pushkin até o final dos anos 50 do século XX. A exemplo das obras de Dostoiévski publicadas pela José Olympio, a Lux manteve os mesmos requintes de editoração. Todos os volumes têm estudo introdutório denso de autoria de Otto Maria Carpeaux e ilustrações feitas especialmente para cada título. João Antonio leu e manteve os nove volumes desta coleção em sua biblioteca. Além desta coletânea que fez história no mercado editorial brasileiro e que não constam do Acervo do escritor brasileiro, a Editora Lux ainda promoveu a publicação de versões diretas de obras como *Ana Kariênina*, *Ressureição*, *Os cossacos* e *Infância, Adolescência e Juventude*, de Tolstói; *Almas Mortas*, de Gógol, *Memórias de um caçador*, *Pais e Filhos*, *Na véspera* e *Um ninho de nobres*, de Turguêniev; *As 12 cadeiras* e *O bezerro de ouro*, de Ilf e Petrov.

Representativo desta fase também são os títulos de Máximo Górkí presentes nas estantes do Acervo. Além da coletânea já citada na versão de Schnaiderman, da mesma época constam *O espião* (Melso, 1961), *Os melhores contos de Máximo Górkí* (Boa Leitura, 1961), *Vagabundo original: contos* (Exposição do Livro, 1964), *Adolescência* (Clube do Livro, 1964) e a peça teatral *Pequenos burgueses* (Brasiliense, 1965). De fase bem anterior de interesse sobre este autor especialmente é a edição de uma das suas obras mais conhecidas como de militância de esquerda, *A mãe* (Americana, 1931).

Outro exemplar raro nesta biblioteca é a coletânea de contos *O Pavilhão número 6*, de Anton Tchekhov, editada pela paulistana Edição Cultura (1931). Esta editora tinha o codinome Bibliotheca de Auctores Russos e foi formada pelo exilado russo Georges Selzoff que traduzia do original a quatro mãos com brasileiros e publicou, em três anos nesta atividade, autores como Leonid Andreiev, Dostoiévski, Górkí, Tólstoi e Turguêniev. Outras coletâneas estão presentes no Acervo, além da realizada por Tatiana Belinky e o exemplar dedicado ao autor na *Antologia do conto russo*, aludidos acima, destacando-se a edição, em um mesmo volume, da peça *As três irmãs* seguida de contos selecionados e traduzidos por Boris Schnaiderman (Abril, 1979).

Por último, outro autor clássico presente na biblioteca do autor paulistano é Leon Tolstói no exemplar *Antologia do conto russo* e num de seus contos mais conhecidos e estudados, *A morte de Iván Ilitch* seguido de *Amo e servidor* com introdução do crítico Paulo Rónai (Saraiva, 1963).

Esta apresentação sobre particularidades das edições de escritores russos presentes na biblioteca de João Antônio além de certificar o interesse do autor paulistano pela vertente literária russa, revela que seu Acervo possui elementos de cunho historiográfico pertinentes para pesquisas sobre o mercado editorial brasileiro. Atesta-se a existência de uma variedade de edições que permitem, por exemplo, localizar aspectos da trajetória de especialistas em tradução do russo para a língua portuguesa, do percurso desse segmento literário pelas editoras nacionais e o acesso a algumas edições raras, disponíveis em poucas bibliotecas brasileiras.

Diferentes movimentos

Um dos primeiros aspectos a se ressaltar sobre as marcas de leitura presentes na biblioteca de João Antônio refere-se à localização de uma diferença importante entre as marginais presentes em obras de literatura brasileira e as russas. Se em determinados volumes como *O simples coronel Madureira* (1967), de Marques Rebelo, *Viventes das Alagoas* (1964), de Graciliano Ramos ou *Clara dos Anjos* (1956), de Lima Barreto pode-se encontrar, além de sublinhas, listas de palavras e/ou marginais, comentários manuscritos do leitor sobre o conteúdo, o estilo ou a forma, isso não ocorre nos livros de literatura russa.

Não são muitos os casos em que João Antônio registrou observações escritas nessas produções e, quando ocorreram, esses se caracterizam mais por apontamentos de cunho linguístico ou editorial – alterações de grafia ou correções gramaticais – configurando-se como apontamentos de orientação formal, conforme ilustram os exemplos a seguir. Ressalta-se que, neste texto, todas as observações realizadas pelo escritor paulistano estão destacadas em itálico:

[...] de súbito Piotr Ivánovitch de pavor. [...] – *Falta o verbo (TOLSTÓI, Antologia do conto russo – v. IV, 1961, p. 38)*¹¹

*“causas-me mas é ódio” ao invés de “causas-me mais é ódio” (DOSTOIÉVSKI, O Idiota, 1962, p. 218)*¹² [anotação de João Antônio presente na lista de palavras referente à obra]

Há algumas ocorrências em que se notam exercícios de carpintaria literária do leitor, representados principalmente por meio do estudo do significado ou da melhor utilização de alguns vocábulos, conforme demonstram os exemplos a seguir.

“A concisão é a irmã do talento”. *irmã ou mestra?* (TSCHECOV, “Notas sobre Tschecov”. In: *Histórias Imortais*, 1959, p. 10¹³) [grifo de João Antônio]

debicar (zombar?) / trespasse (no sentido de passar-morrer) (DOSTOIÉVSKI, *O Idiota*, 1962) [transcrição de manuscritos de João Antônio presentes na lista de palavras anexada à obra; sem referência à paginação]

Dessa maneira, ao contrário de obras de autores brasileiros onde o escritor paulistano registra comentários, em maior parte, valorativos sobre elementos temáticos e formais, nos livros de literatura russa não se tem acesso a esse tipo de particularidade sobre sua recepção de leitor. No que se refere à utilização de caneta esferográfica nas obras de escritores russos, as marginálias compõem-se de sublinhas e tabelas de palavras – estas sempre redigidas em uma folha à parte e depositadas no interior dos volumes.

Uma possibilidade de indagação relaciona-se à questão se o leitor das obras brasileiras diferencia-se do leitor de literatura russa. Evidentemente, trata-se da mesma pessoa – leitor João Antônio – mas, pelo que foi apontado, há um movimento de leitura diferente. Nas marginálias presentes em obras de escritores brasileiros é possível encontrar anotações semelhantes às apresentadas em relação aos autores russos, porém, além destas localizam-se também manifestações reflexivas sobre o conteúdo ou elaboração estilística. Poder-se-ia inferir que essa dinâmica ocorreu devido ao fato das obras de literatura estrangeira serem mediadas pela tradução. Contudo, essa possibilidade não se cumpre quando se verifica, por exemplo, a existência de um diálogo semelhante ao estabelecido com autores brasileiros na obra *O lobo da estepe* (1943), do autor alemão Hermann Hesse, presente na mesma biblioteca.

Ainda que se esbocem possibilidades de interpretação sobre esses diferentes movimentos de leitura, não será possível definir categoricamente a razão de João Antônio não ter elaborado comentários sobre elementos formais ou de conteúdo no ato de leitura dos escritores russos, visto se tratar de uma questão que exige estudos mais específicos. Assim, esses dados podem vir a ser temas de pesquisas focalizadas

nesta abordagem que contribuiriam para esclarecer as razões desse silêncio do autor paulistano para com os volumes de literatura russa presentes em sua biblioteca.

Homem e sociedade

Um dos gêneros literários mais praticados por João Antônio foi o conto. Inclusive, ele obteve prêmios importantes no cenário literário já com seu livro de estréia, *Malagueta, Perus e Bacanaço* – Prêmio Fábio Prado para contos, 1962; Prêmios Jabuti de revelação de Autor e de melhor livro de contos, 1963. Este autor também produziu sob a ótica de outros gêneros como ensaio e crônica, mas são seus contos que o tornaram conhecido nos contextos literários nacional e internacional.

Seu interesse pelo conto também pode ser atestado ao se observar as obras dos autores russos presentes em sua biblioteca, do total de 68 volumes, 32 são coletâneas de contos de um ou mais autores, além de livros que contemplam novelas e contos. À parte da questão conceitual entre conto e novela, fica clara a preferência de João Antônio pela produção curta. Neste sentido, ressaltam-se as oito obras de Anton Tchekhov (1860-1904) presentes em sua biblioteca, todas coletâneas de contos: *Antologia do conto russo* (volume dedicado a Tchekhov), *Contos de Tchekhov*, *Olhos mortos de sono*, *O pavilhão número 6*, *Histórias imortais*, *Histórias Russas* (coletânea em que Tchekhov é um dos autores), *As três irmãs* e *Uma vida*.

Tchekhov, além de médico, teve uma atuação constante na imprensa russa. Iniciou sua carreira de escritor e jornalista no início dos anos 80 do século XIX, publicando pequenos contos em semanários satíricos chegando a atuar em jornais tradicionais. Uma das mais importantes produções deste autor onde se pode localizar a interação entre literatura e jornalismo é a obra *A Ilha de Sakalina*. Trata-se de uma narrativa enfocando a colônia penal de Sakalina, localizada na Sibéria. Tchekhov, aos 30 anos, foi até Sakalina, em 1890, para registrar as péssimas condições dos presos. As matérias de cunho explicitamente de denúncia e contestação, publicadas em livro somente em 1895, causaram comoção nacional e internacional, obrigando o governo russo a efetivar mudanças substanciais no sistema carcerário. Esta obra chega aos leitores de hoje como um livro-reportagem que transcende o seu tempo. (Cf. Durkin, 1997, p. 228-245)¹⁴.

É interessante notar que semelhante interesse de vivenciar as fontes sobre as quais iria escrever também foi um movimento comum para o jornalista e escritor João Antônio. Frequentemente, ele afirmou em suas entrevistas a respeito da necessidade, para quem pretende escrever sobre algum assunto, deslocar-se para o ambiente e buscar observá-lo como participante direto. Um dos casos muitas vezes lembrado por ele quando falou sobre essa dinâmica refere-se à preparação que fez para escrever sobre o porto de Santos, como disse em entrevista a José Trajano (1976):

O primeiro conto-reportagem que eu fiz foi na 'Realidade', em 68, um trabalho sobre o cais de Santos [...]. Não era um conto puro, mas também não era reportagem, também. E também não era divagação do autor, era constatação de um fato. Era ficção, mas trabalhava como repórter. Fiquei no meio do cais, morando lá. (TRAJANO, 1976, p. 25)¹⁵

Assim, além do interesse comum de ambos os escritores pelo conto – a grande produção tchekhoviana também incide sobre este gênero – verifica-se a proposição de fazer da escrita um instrumento de denúncia e possivelmente são índices que justificam, em parte, o interesse de João Antônio pela obra de Tchekhov. Este escritor russo é considerado um dos mestres do conto moderno, entre outros fatores, por expressar a complexidade do estado interior dos personagens através de detalhes selecionados da psicologia e do ambiente. Assim, Tchekhov parte da premissa de que a realidade significativa é mais intrínseca e plurissignificativa do que a realidade externa.

Nas entrevistas de João Antônio, ao tratar sobre este escritor russo, o autor paulistano ressaltou um modo de olhar característico tchekoviano, no sentido de manter o ser humano como o centro de suas preocupações:

[...] Acredito que dentro do particular cabe o universal. Se você lê os contos do Tchekov você vê que são flagrantes russos e que no entanto são válidos até hoje. Tenho muito entusiasmo por essas coisas locais quando elas tem por centro o homem. Porque elas têm que ser bem feitas e, outra coisa, falar no povo. Arte se aprende vendo muito o povo na rua. ("COM a palavra João Antônio", 1976, s/p.)¹⁶

Conforme já foi enunciado, para João Antônio era primordial uma literatura vinculada à realidade e, para tanto, a aproximação com as angústias humanas era

essencial. Pode-se observar na citação apresentada que é justamente essa perspectiva de enfoque no homem presente na escrita de Tchekhov um dos aspectos que mais chamou a atenção do autor paulistano. Reconhecidamente, o autor russo tornou-se um expoente da produção de contos curtos que, de forma magistral, tematizaram os conflitos e as relações humanas, principalmente sob a dicotomia indivíduo *versus* sociedade. Semelhante perspectiva pode ser verificada, por exemplo, nas marginálias efetuadas pelo leitor no volume *Antologia do conto russo* – volume VI, (1962).

No exemplar que pertenceu a João Antônio localizam-se três tipos de marcas de leituras: marginálias apensas, sublinhas de vocábulos isolados e de passagens. A seguir, transcrevem-se as sublinhas efetuadas por este leitor no conto “A groselheira”:

[...] Em nossa cidade faleceu um negociante. Antes de morrer mandou que lhe servissem um prato com mel. Misturou todo o seu dinheiro e bilhetes premiados de loteria com o mel e comeu tudo, para que ninguém pusesse a mão no dinheiro. Certa vez, numa estação [...] (TCHÉKHOV, 1962, p. 59¹⁷) [grifos de João Antônio]

[...] evidentemente o felizardo se sente bem só porque os infelizes carregam sua cruz em silêncio, e que sem êsse silêncio a felicidade não seria possível. (Idem, p. 62) [grifos de João Antônio]

Na primeira citação, verifica-se a atenção do leitor para com uma descrição da avareza com detalhes que ao mesmo tempo revelam uma composição sucinta e detalhada da relação de um personagem com o mundo e consigo mesmo. É interessante observar que em poucas palavras Tchekhov descreve um universo interior pleno de significação. A problematização ocorre a partir de uma economia formal que, através da criteriosa seleção de palavras, transmite uma reflexão acerca da capacidade humana de recusar – mesmo não tendo mais utilidade diante da morte – compartilhar seus bens materiais com o próximo.

A segunda citação refere-se ao contexto temático geral do conto – como o homem pode modificar suas atitudes diante de um novo e melhor *status* social – auxiliando no entendimento quanto à necessidade da existência de pessoas infelizes para que outras sejam felizes. E, mais do que isso, que a infelicidade seja sofrida em silêncio para não incomodar os outros. Essa dinâmica é apresentada na narrativa de um modo claro e contundente, demonstrando a mudança de visão de mundo do

próprio narrador que também adere a essa visão individualista de satisfação pessoal às custas da exploração alheia.

Esses traços do diálogo que João Antônio estabeleceu com este conto de Tchekhov, concretizado por meio de sublinhas, permitem verificar semelhanças temáticas e formais com a própria produção estética do autor paulistano. Por meio de uma abordagem e formalização particulares, verifica-se em sua escrita um enfoque que busca demonstrar preferencialmente não o personagem pertencente à elite, como o faz o escritor russo, mas aqueles que são afetados pelo pensamento corrente de priorizar a satisfação pessoal em detrimento da conjuntura humana que compõe a sociedade. Isso explica a presença recorrente de seres marginalizados à deriva dos acontecimentos que lhes permitam a sobrevivência. Ao contrário dos integrantes da elite apresentados na narrativa tchekhoviana, os personagens do autor paulistano não movem os acontecimentos, são por eles movidos e silenciados ou, para melhor expressar, “não são bons em felicidade”, conforme afirma Jane Pereira (PEREIRA, 2008, p.114)¹⁸.

Essas breves considerações sobre as marginálias realizadas por João Antônio no conto “A groselheira” contribuem para revelar o potencial que os livros do seu Acervo oferece para o entendimento do seu pensamento estético e de sua visão de mundo. Atesta-se, por exemplo, que o tema desenvolvido na narrativa de Tchekhov também foi tratado por outros autores como Dostoiévski e Machado de Assis, também presentes na biblioteca do escritor paulistano. Neste sentido, poder-se-ia localizar não apenas aspectos do diálogo estabelecido por este leitor com o autor russo, mas também a reverberação entre outras vozes que trataram do mesmo tema universal – o egoísmo humano – presentes em sua trajetória de formação intelectual e artística.

Entre marginalizados

Máximo Górkki (1868-1936) foi um fenômeno na literatura russa, não apenas por expressar a zona de exclusão, mas por falar a partir dela. Quase não teve instrução escolar e atuou em diversos subempregos para garantir sua sobrevivência. Esta breve descrição lembra João Antônio por duas razões: parece se tratar de um personagem de sua obra literária e, ao mesmo tempo, alude a sua proposição estética de representar preferencialmente a zona de exclusão falando a partir dela.

Ressalta-se que Górkí, assim como Tchekhov, atuou na imprensa russa, embora advindos de estratos sociais diferentes. A baixa condição econômica que levou Górkí à necessidade de trabalhar em diversos ofícios também foi um fator presente na biografia do autor paulistano. Antes de se tornar conhecido pelos seus trabalhos jornalísticos e literários e residir em Copacabana – onde viveu por mais de 20 anos até sua morte em 1996 – João Antônio trabalhou como *office-boy* e escriturário, residindo em bairros da periferia de São Paulo desde seu nascimento até mudar-se, definitivamente, para a capital fluminense no início dos anos 70.

Observa-se que quando o autor paulistano tratou deste escritor em suas entrevistas depreende-se uma identificação de concepção literária e de vida semelhante, em alguns aspectos, a sua reiterada admiração por Lima Barreto. João Antônio considerava Barreto um ícone da literatura brasileira por ser pioneiro na transposição da realidade marginalizada para o contexto literário. A afinidade eletiva do autor paulistano por Górkí possui uma clara relação com sua própria história de vida e trajetória estética, pois este escritor o ajudou a compreender as razões dos sofrimentos dos moradores dos subúrbios de São Paulo, locais muito bem conhecidos por ele:

Dei-me com toda a cambada naquele Anastácio, recordista na categoria consumidor de cachaça nos subúrbios paulistas. Deu no jornal. Não deu que, no inverno a umidade nos entrava nos ossos e doía e gente abandonada, sem eira nem beira e deixada pra lá, morria de frio nas ruas, amanhecendo dura. Manhãs de domingo, antes da missa do padre húngaro, a praça parecia um fim de guerra – bêbados derreados, batidos e sonando feito pedras nas portas dos botecos. Gente feia e largada no chão; operários de vida brava, na semana. Mais tarde, eu lia nos romances, nos contos e no teatro de Gorki que bebíamos de desespero. (ANTÔNIO, 1975.)¹⁹

Se há uma identificação biográfica entre os dois escritores, também existe uma aproximação da perspectiva literária de João Antônio com a realizada por Górkí no condizente ao interesse temático e formal. Como já foi aludido, ambos focaram suas escritas para a marginalidade social. Além disso, se preocuparam com a transposição linguística que busca fidelidade às linguagens oral e gestual de seus personagens. Nessa aproximação com os temas, em muito oriunda de suas vivências pessoais,

realiza-se a junção de um leitor/escritor que vê a si mesmo nas páginas do escritor russo.

Na biblioteca de João Antônio há oito obras de Górkí, sendo três romances *Adolescência*, *A mãe* e *O espião*; a peça teatral *Pequenos burgueses*; e quatro coletâneas de contos: *Antologia de Contos de Maksim Górkí*, *Os melhores contos de Máximo Górkí*, *Antologia do Conto Russo* – vol. VII, e *Vagabundo original*. As marcas de leitura realizadas por João Antônio constituem-se de tabela de palavras – presente apenas no volume *Antologia de Contos de Maksim Górkí* que também conta com sublinhas –, uma dedicatória no exemplar de *O espião* e sublinhas em *Os melhores contos de Máximo Górkí*.

Para ilustrar aspectos do percurso de leitura de João Antônio em obras de Górkí seleciona-se o conto “Caim e Artem”, pertencente à coletânea *Antologia do conto russo* – vol VII (1962). Esta narrativa enfoca Caim, um judeu que sofre constantes humilhações nas ruas onde trabalha como vendedor ambulante e Artem, um jovem forte e bonito, respeitado por sua força e adorado pelas mulheres. Vítima de uma vingança tramada por um grupo de homens que o surram, Artem fica quase à morte e é abandonado à beira de um rio sendo socorrido por Caim. O judeu o auxilia cuidando de seus ferimentos e alimentando-o até a recuperação. A partir disso, Artem fica agradecido e pergunta como poderia lhe retribuir e Caim pede que ele o proteja das violências que sofre diariamente. Assim, o faz o jovem, mas não suporta por muito tempo essa condição de protetor e diz a Caim que não tem nada contra ele, apenas não consegue sentir compaixão por ninguém. Ressalta-se que a ambiência do conto circunscreve-se a um bairro pobre e sujo onde circulam pessoas miseráveis, ladrões e desocupados.

As marginálias efetuadas por João Antônio neste conto referem-se a destaques em forma de traço vertical ao lado das passagens selecionadas. A seguir destacam-se duas delas:

Caim levantou a cabeça e abanou-a de maneira estranha, enquanto seu rosto tomava uma expressão confusa e miserável.

– A respeito de quê falaria? E com que língua eu haveria de conversar com o senhor? Com esta? – o judeu mostrou a ponta da língua – com a mesma que eu uso para falar com os outros? Então, acha que não tenho vergonha de usar a mesma língua com que falo com os outros, para falar com o senhor? Acha que não compreendo que o senhor sente vergonha por estar sentado ao meu lado? Quem sou e quem

é o senhor? O senhor é Artem, alma grande, o senhor é como o Judas Macabeu! O que o senhor não faria se soubesse para que finalidade Deus o pôs no mundo. Oh! Ninguém sabe para que existe, ninguém entende os mistérios do Criador! O senhor não imagina quantos dias e quantas noites passei matutando na tentativa de compreender para que me serve ter nascido. Para quê tenho alma, que serventia tem a minha inteligência... para que sirvo? Sou apenas uma escarradeira em que se acumula a saliva venenosa da gentalha. O que são os homens em relação a mim? Apenas serpentes peçonhentas que envenenam minha alma... para quê estou no mundo? Por que só conheço desditas e por que o sol não tem um raio sequer que seja para mim? (GÓRKI, 1962, p. 144)²⁰

Os belchiores e negociantes de ferro-velho vinham ao balcão e conversavam a meia-voz com Savka, que lhes contava alguma coisa com ares de mistério, piscando o olho em direção de Artem e Caim; no fim da conversa os homens viravam-se para olhar o par, entre admiradores e zombeteiros. Caim percebeu os olhares e ficou alerta, mas Artem olhava pela janela para além do rio e observava os prados... 'logo mais aparecerão as foices brilhando ao sol e o capim, suspirando mansamente, cairá aos pés dos ceifadores...' (Idem, p. 145)

Observa-se que as duas citações possuem teores diferentes, enquanto a primeira contempla o desabafo de Caim ante a incompreensão de sua existência de sofrimento, a segunda refere-se à descrição do ambiente de um bar onde os dois personagens estão conversando. Considerando que o conto enfoca o espaço marginalizado de uma cidade e dois homens sobreviventes neste cenário de miséria, atesta-se uma clara relação com a produção desenvolvida por João Antônio, diante do fato dele ter trabalhado recorrentemente com esse universo temático onde a força e a esperteza são formas imprescindíveis para garantir a sobrevivência. Carlos Azevedo Filho, em seu texto "Vagabundos & malandros: Máximo Gorki e João Antônio" (2008)²¹, demonstra com acuidade essa aproximação entre as concepções artísticas dos dois escritores bem como de seus seres fictícios.

Pode-se verificar que os questionamentos de Caim em razão de sua existência miserável também são passíveis de localização na obra do autor paulistano, porém, em outra perspectiva. Em sua produção os personagens, na maior parte dos casos, não se questionam sobre o destino, apenas sofrem e agem conforme a situação. Entretanto, o fato do escritor trazer para o contexto literário esse tipo de representação revela um posicionamento questionador em dois âmbitos. Por um lado, seu ato de

escrever atua como ferramenta de denúncia da difícil e violenta situação vivida pelos marginalizados, por outro lado, seus textos ao representarem esses personagens sem lugar na sociedade trazem à reflexão os rumos da sociedade que evita atentar para a questão da exclusão social.

Em relação à descrição do movimento no bar enfatizando a curiosidade e ironia dos homens que contemplam os dois personagens, ressalta-se o enfoque detalhista das ações bem como a postura alheia de Artem perante o ambiente. Essas duas descrições revelam inter-relações também com a literatura de João Antônio. Por exemplo, no conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” há a representação de alguns bares e do comportamento das pessoas que por eles circulam – aliás, os bares também são um foco espacial constante em toda a sua obra. Ainda na mesma narrativa o personagem Perus configura, em alguns momentos, uma postura distanciada das ações de seus companheiros de jogo por ter um olhar sensível que depreende lirismo no ambiente e espaço onde circula.

Não se quer dizer aqui que as marginais localizadas no conto de Górkí atuaram como modelo para a escrita de João Antônio, apenas se procurou enfatizar as possíveis inter-relações temáticas entre a produção de ambos. A observação dessas similaridades auxilia na compreensão da recepção do autor paulistano para com a obra do escritor russo e revelam traços da afinidade eletiva de suas colocações quando tratou de Górkí em suas entrevistas.

Diálogos em devir

Constata-se que a obsessão temática de João Antônio pela zona de exclusão pode ser entendida, entre outros fatores, pela ótica das leituras que realizou. O fato de ter em sua biblioteca vários volumes de uma vertente literária sedimentada na direta relação entre homem, sociedade e crítica social revela que sua concepção estética se aproximou, em muitos aspectos, à dos autores russos.

Essa dimensão dialógica, onde um escritor de um local e tempo diferentes se volta para outro contexto histórico e estético e com ele trava relações de ordem artística e de concepção de mundo, demonstra a amplitude da formação de um escritor com características próprias, mas em constante contato com o seu universo de leitura. Certamente, há outros autores que auxiliaram João Antônio a compreender os objetivos de sua arte literária, entretanto, fica estabelecida a importância dos

escritores russos no que condiz à reiterada manifestação artística de denunciar e combater as condições de opressão vivenciadas pelo homem.

Os 57 títulos de literatura russa presentes na biblioteca do Acervo João Antônio, ao oferecerem um universo múltiplo e particular permitiu que o leitor/escritor se reconhecesse a si mesmo na angústia humana universal e nos problemas de seu próprio país. A importância da relação entre literatura e jornalismo para este segmento literário também se solidifica como um dos elementos responsáveis pelo interesse do autor paulistano por seus autores, já que indica a forte relação entre realidade e ficção. Seja como jornalista ou escritor, é na apreensão dos acontecimentos reais em correlação com o lado humano dos fatos que João Antônio dialogou mais diretamente com a literatura russa, o que lhe possibilitou alcançar a transcendência temporal de sua produção assim como o foi para os escritores russos.

Diante disso, atesta-se que a biblioteca pessoal de João Antônio possui um rico manancial para diversas vertentes de investigação. Há materiais importantes para se compreender a formação e a carpintaria literárias do autor paulistano tanto pela ótica dos estudos de literatura quanto pela historiografia. As marginálias proporcionam um amplo leque de possibilidades desde pesquisas sobre o processo de criação estética deste escritor até os diálogos por ele estabelecido com seus pares. Além disso, existe a disponibilidade de elementos que permitem investigações sobre a relação e o interesse do mercado editorial brasileiro, por exemplo, pela literatura russa. Ressalta-se também a presença de dedicatórias que são fontes para se entender as relações pessoais e profissionais deste leitor no cenário literário brasileiro.

João Antônio foi um escritor que deixou uma vasta produção em jornais e 16 livros publicados, além de republicações diretas ou modificadas e textos publicados em coletâneas temáticas. Sua vida foi regida pela ótica da escrita, conforme ele mesmo afirmou: “Eu me vejo como uma pessoa irremediavelmente presa ao ato de escrever. Não consigo viver sem ele. Se não estiver escrevendo, crio desculpas para perseguir a tarefa literária” (“Para mim o leitor é um parceiro que eu vou procurar”, s/fonte)²². Dessa maneira, entende-se que sua biblioteca também pode ser entendida como um grande texto não-verbal, com uma multiplicidade de vozes e pensamentos que o ajudaram no entendimento de si mesmo e do seu processo criativo. Neste texto não-verbal, muitas vezes, ele realizou interferências verbais deixando marcas do processo de sua construção como escritor. Ou seja, os livros que compõem seu Acervo é mais uma das produções que ele deixou a possibilitar um diálogo com ele e com a literatura mundial. Circular por essas marginálias de fronteira entre o leitor e o

seu universo de leitura possibilita desvendar particularidades de duas dimensões artísticas múltiplas, paralelas, diferentes, complementares e, ao mesmo tempo, dissonantes. Vale a pena adentrar na profundidade desses mundos que as marginais oferecem.

Recebido para publicação em maio de 2009.

Aprovado para publicação em maio de 2009.

Notas

- ¹ Este CD-ROM é resultado do levantamento realizado pela autora deste texto para a tese *O conto na obra de João Antônio: uma poética da exclusão*. São Paulo: FFLCH-USP, 2004, sob incentivo Fapesp. Além de contemplar os 1463 títulos de livros, também agrega as referências de 320 textos de jornais que também auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa.
- ² Há vários tipos de grafia utilizados nas traduções brasileiras do nome deste escritor. Neste texto, quando há referências a determinadas traduções se obedecerá a grafia original destas; as outras ocorrências obedecem à transliteração utilizada pelo Curso de Russo da Usp.
- ³ LOPEZ, Tele. A criação literária na biblioteca do escritor. *Revista Ciência e Cultura – SBPC*. São Paulo, SBPC, vol 59, nº 1, Jan/mar 2007.
- ⁴ CAMINHA JR., Edmilson. *Corpo-a-corpo com a vida*. Suplemento Literário de Minas Gerais, nº 949. Belo Horizonte, 8 dez 1984.
- ⁵ SCHNAIDERMAN, Boris. *Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ⁶ TATAGIBA, Fernando. João Antônio: a literatura foi a válvula de escape na repressão. *Jornal Revista Semanal*. Vitória, p.16, junho de 1979.
- ⁷ João Antônio alude ao romance dostoiévskiano *Recordação da casa dos mortos* (1861).
- ⁸ KARAM, Elizabete. João Antônio: 'Existe até um submundo dentro da classe média'. *Quem*. Santa Catarina, s/d.
- ⁹ TRAJANO, José. Nem João Capote, nem Truman Antônio. *Aqui*. São Paulo, p. 25, 16 a 22 set 1976.
- ¹⁰ MEDEIROS, Gutemberg. Entrevista com Boris Solomonóvitch Schnaiderman. *Revista da USP*. São Paulo, USP – CCS, p. 86 -100, dez 2007.
- ¹¹ TOLSTÓI, L. N. *Antologia do conto Russo - vol. IV*. Trad. Tatiana Belinky et al. Rio de Janeiro: Lux, 1961.
- ¹² DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota*. Trad. José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- ¹³ TSCHECOV, Anton. *Histórias Imortais*. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Cultrix, 1959.
- ¹⁴ DURKIN, Andrew. Chekhov and the journals of his time. In: MARTINSEN, Deborah. *Literary journals in Imperial Russia*. Cambridge: University Press, p. 228-245, 1997.
- ¹⁵ TRAJANO, José. Nem João Capote, nem Truman Antônio. *Aqui*. São Paulo, p. 25, 16 a 22 set 1976.

- ¹⁶ “COM a palavra João Antônio”. *Jornal do Campus da UNB*. Brasília, UNB, nº 17, jun 1976.
- ¹⁷ TCHÉKHOV, Anton. *Antologia do Conto Russo* - vol.VI. Trad. Vera Newerowa et al. Rio de Janeiro: Lux, 1962.
- ¹⁸ PEREIRA, Jane. Malagueta, Perus e Bacanaço: uma construção dialética entre a poesia e o social. In: OLIVEIRA, Ana; ORNELLAS, Clara; SILVA, Telma (orgs.), *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: FCL-Assis – UNESP-Publicações, 2008, p. 101-120.
- ¹⁹ ANTÔNIO, João. Abaixo a literatura engomada. *Revista Status*, n. 16. São Paulo, p. 69-75, 16 nov 1975.
- ²⁰ GÓRKI, Máximo. *Antologia do Conto Russo* - vol. VII. Trad. Boris Schnaiderman e outros. Rio de Janeiro: Lux, 1962.
- ²¹ AZEVEDO FILHO, Carlos. Vagabundos & malandros: Máximo Gorki e João Antônio. In: OLIVEIRA, Ana; ORNELLAS, Clara; SILVA, Telma (orgs.), *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: FCL-Assis – UNESP-Publicações, 2008, p. 9-20.
- ²² “Para mim o leitor é um parceiro que eu vou procurar”. s/fonte. Pasta 41 do Acervo João Antônio.